

Por que as estátuas tem pau pequeno?

por Filipe Chagas

Os gregos antigos ficaram famosos por suas esculturas de homens poderosos e ilustres com corpos perfeitos, músculos tensos e marcados. Às vezes, essas figuras apareciam parcialmente cobertas por um pano; porém, em sua maioria, estavam completamente nuas. Para o olho contemporâneo, seus corpos se aproximam do ideal, exceto por um “pequeno” detalhe: seu falo de tamanho abaixo da média.

Tá com frio, Davi?

Na maioria dos casos, chega-se a uma desproporcionalidade de tamanho comparando o maciço dos corpos de mármore ao flácido membro, principalmente em caso de deuses conhecidos por sua masculinidade – como Zeus ou Hércules – ou imperadores, homens da elite e grandes atletas de personalidades miticamente grandiosas. Será que os modelos de referência eram usuários de alguma espécie de antigo anabolizante? Ou o frio europeu se juntava com uma timidez enorme na hora de posar para a obra?

Nada disso.

A exposição do corpo nu fazia parte da vida grega, começando desde a tenra idade nas atividades físicas. Inclusive, a palavra “ginástica” é composta por “gymnos” (nu) + “ica” (arte de), ou seja, a arte de estar nu, enquanto, “ginásio” era o local de se exercitar nu. Logo, o tamanho do pênis dos gregos era desde sempre bem conhecido por toda a sociedade. Apesar de muitos dos modelos que posavam para as estátuas terem sido atletas durante ou após exercício físico (isso influencia na circulação sanguínea do corpo e – consequentemente – no tamanho), havia um motivo real para essa escolha estética.

Enquanto hoje ser bem dotado é muitas vezes equiparado ao poder e mesmo à boa liderança, o pênis nunca foi um sinal de virilidade ou masculinidade na Grécia Antiga. A potência vinha do intelecto necessário para responsabilizar o homem pela paternidade, prover à linha familiar e sustentar a polis (cidade-estado). Em sua peça “As Nuvens” (c. 419-423 a.C.), o dramaturgo grego Aristófanes resumiu os traços ideais de seus pares masculinos:

“Se você faz essas coisas, digolhe, e duplique seus esforços para eles, você sempre terá um peito brilhante, uma pele reluzente, ombros



Hércules Farnese (estátua em mármore) mostra o grande herói grego da humanidade em toda sua glória... e civilidade.





grandes, uma língua minúscula, um traseiro grande e uma pequena pica. Mas se você seguir as práticas de hoje, para começar você terá uma pele pálida, ombros pequenos, um peito magro, uma língua grande, um pequeno traseiro, uma grande pica e um decreto de longo curso.”

Portanto, o pequeno tamanho estava em consonância com os ideais gregos de beleza masculina, um sinal de alta cultura e modelo de civilidade. O historiador da arte Paul Chrystal diz que o pênis grande ou ereto não era considerado desejável porque trazia características animais ao homem:

“Os grandes pênis eram vulgares e fora da norma cultural, algo exibido pelos bárbaros do mundo.”

Por exemplo, os sátiros lascivos que acompanhavam as celebrações orgiásticas do deus Dioniso, eram retratados com órgãos genitais eretos, às vezes quase tão grandes quanto seus torsos. De acordo com a mitologia, essas criaturas eram parte homem, parte animal, sem quaisquer restrições – uma qualidade vilipendiada pela alta sociedade grega.

A historiadora da arte Ellen Oredson acrescenta que o nu artístico com ereção carrega uma sexualidade que mudaria o sentido das obras e apresentaria uma atitude pouco profissional do artista (ainda seriam tachadas de pornográficas hoje em dia). Ela também lembra a história de Príapo, um deus grego da fertilidade amaldiçoado por Hera com feiúra, loucura e uma ereção permanente. Era tão desprezado pelos outros deuses que foi exilado do Olimpo. No entanto, o falo ereto se manteve como símbolo de abundância, sorte, fertilidade e saúde, sendo usados em forma de amuleto em vários rituais.

Na comédia grega, os bobos e loucos também costumam aparecer com grandes órgãos genitais, “o sinal da estupidez, mais uma besta do que um homem”, segundo Chrystal. O foco se concentrava no tamanho hilário/grotesco do membro e não no desenvolvimento psicológico e emocional do personagem. Assim como as representações artísticas que

os gregos faziam dos egípcios, diz o historiador Andrew Lear, que eram seus inimigos.

Desta forma, sátiros, bobos e inimigos serviram de parâmetros de oposição para deuses e heróis masculinos, que foram honrados por seu próprio controle e inteligência. Diz Lear:

“Se grandes falos representavam apetite glutão, então conclui-se que o pênis pequeno e flácido representava autocontrole.”

Uma estátua masculina nua em si já é uma celebração da masculinidade e, embora os genitais façam parte disso, era mais importante mostrar sua sofisticação e racionalidade – uma das virtudes mais prezadas pelos gregos – através de um corpo masculino ideal com um tamanho de pênis civilizado. “O homem grego ideal era racional, intelectual e tinha uma aura de autoridade”, diz Oredson. “Ele podia fazer muito sexo, mas isso não estava relacionado ao tamanho de seu pênis, e um pênis pequeno o permitia se manter friamente lógico.”

Dessa forma, em toda a arte grega antiga, a representação do falo – e seu tamanho variado – era simbólica. Como sugere Lear, os artistas da época retrataram nus masculinos com grande frequência, mesmo quando um personagem ou narrativa não exigia isso, porque o pênis funcionava como um “índice de personagem”, ou seja, indicava se um homem era respeitável ou não. O prepúcio também era um referencial simbólico, pois a exposição da glândula representava a falta de limites e restrições. Um pênis pequeno e não-circuncidado mantinha a imagem do homem controlado, jovial e de cultura nobre, um indício sintomático de que se permanecia preservado da corrupção inevitável da vida.



A enorme diferença entre a *Vitoriosa juventude grega* e o *Príapo pompeiano*.





Oredson frisa que, apesar das escavações em Pompeia e Herculano mostrarem que os romanos apreciavam representações hedonistas com falos maiores (provavelmente por seu contato com civilizações bárbaras), eles mantiveram a estética grega, que reverberou pela arte ocidental, como por exemplo, no Davi de Michelangelo.

Especificamente o Davi possui outra possível teoria sobre o tamanho do seu falo. Em 2005, dois médicos florentinos publicaram um artigo argumentando que o pênis de Davi estava reduzido pelo medo. Quando visto de frente, o rosto de Davi pareceria assustado e preocupado, por causa de sua iminente luta com o gigante Golias. Os médicos argumentam que Michelangelo esculpiu todos os detalhes no corpo para ser consistente com sintomas de medo e tensão, incluindo seus órgãos genitais. Apesar desses sintomas introduzirem uma certa vulnerabilidade, a estátua de Michelangelo nunca perdeu sua imponência e continua sendo uma das obras mais celebradas.

Enquanto para Freud, “mostrar o pênis” significa “não tenho medo de ti, te enfrento, possuo um pênis”, para Lacan, pênis (objeto real) e falo (objeto imaginário) são coisas distintas. E, na desumana sociedade do hiperrendimento, não há espaço para a falha (cuja raiz etimológica reside na palavra “falo”), transformando o grande objeto

imaginário em uma ameaça à performance do homem.

Com isso, todos aqueles que se incomodam com seus tamanhos ganharam uma arma para enfrentar suas ansiedades: já podem dizer que são honestos, civilizados e – mesmo falhos ou com medo – divinos! 8=D



Poseidon ou Zeus Artemision
(estátua em bronze, 460 a.C.).

